



Resistência Popular

Maio de 2011

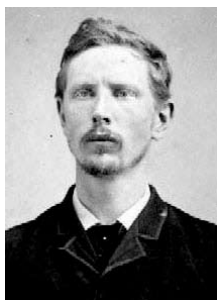
Frente Revolucionária de Defesa dos Direitos do Povo

Proletários e povos oprimidos de todos os países, uni-vos!

Viva o 1º de Maio classista e internacionalista!

Uma vez mais, passados 125 anos, saudamos com júbilo proletário as memoráveis batalhas operárias de Chicago-EUA e erguemos alto o nome dos gloriosos mártires da classe Adolph Fischer, Albert Parsons, August Spies, George Engel, Louis Lingg, Michael Schwab, Oscar Neebe e Samuel Fielden.

Viva a memória dos mártires de Chicago!



Adolf Fischer



Albert R. Parsons



August Spies



George Engel



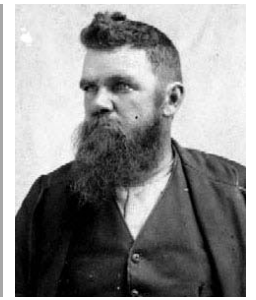
Louis Lingg



Michael Schwab



Oscar Neebe



Samuel Fielden

Saudamos a classe operária e os estudantes nos países imperialistas que lutam bravamente contra o desemprego, o corte de direitos e as reformas conservadoras dos sistemas de aposentadoria, saúde e educação. Saudamos os operários, os camponeses e mulheres que lutam em todo o mundo por seus direitos pisoteados. Saudamos os trabalhadores imigrantes de todo o mundo que lutam por seus direitos não reconhecidos, contra o chauvinismo e todas as formas de discriminação e perseguição fascistas. Saudamos a heróica resistência dos povos palestinos, iraquianos, afegãos, haitianos e de outros países ocupados pelas botas sanguinárias dos imperialistas. Saudamos as guerras populares que fazem os povos da Índia, Filipinas, Peru e Turquia pela conquista do poder e pela sua libertação.

Com renovado entusiasmo para a luta saudamos a classe operária, os camponeses, as mulheres lutadoras, os estudantes combativos e demais massas populares de nosso país. E, com especial atenção, saudamos calorosamente as rebeliões dos mais de 80 mil operários da construção contra o monstruoso consórcio da escravidão, o governo Lula-Dilma/Empreiteiras/Pelegada das centrais sindicais.



Março/2011 - Revolta operária estoura nos canteiros de obras do PAC. Greve de mais de 80.000 trabalhadores em Pernambuco, Rondônia, Mato Grosso do Sul e Ceará

Uma nova situação revolucionária se desenvolve: AS MASSAS SE REBELAM

A profunda crise que abala todo o sistema capitalista mundial (imperialismo) está agravando todas as contradições entre o imperialismo e as nações e povos oprimidos, entre os próprios imperialistas e as contradições de classes entre camponeses e latifundiários, entre a classe operária e a burguesia. Esta é uma situação objetiva de desemprego, corte de direitos, aumento da exploração e dos abusos dos capitalistas e governos. Além do mais põe a nú toda a exploração e opressão ainda não percebida pela maioria das massas trabalhadoras em cada país. Tal situação empurra centenas de milhares de massas para a luta em defesa de seus direitos solapados, contra a miséria e contra a repressão que os governos mandam como respostas de suas justas reivindicações. As massas são empurradas para a luta contra a opressão, por liberdade e por democracia.



Nos últimos meses explodiram rebeliões populares em todo norte da África. Como verdadeiras marés humanas as massas populares dos países árabes se levantam sacudindo com fúria revolucionária o jugo imperialista de décadas a fio de opressão e miséria, pondo abaixo seus tiranos lacaios. Na Tunísia e no Egito os fantoches já foram derrubados e a luta prossegue. No Bahein, Arábia Saudita, Iemen, Síria, Jordânia e Marrocos, mesmo debaixo da mais brutal repressão as massas estão lutando bravamente nas ruas. Na Líbia o levantamento popular transformou-se em guerra civil frente à reação do regime autocrático de Kadafi. Com os criminosos bombardeios do EUA, França, Inglaterra, Itália, etc., o povo enfrenta a luta em duas frentes: contra o regime de Kadafi e contra as potências estrangeiras.

Opovo palestino, iraquiano e afegão têm suportado as mais brutais ocupações estrangeiras, a exploração, os massacres e o saqueio de suas riquezas naturais. Mas muito ao contrário de se resignarem as massas se levantam cada vez mais de armas na mão e nem mais o genocídio continuado pode deter a luta para expulsar os sanguinários invasores e os governos fantoches impostos por eles. As massas operárias e estundatís nos países da Europa (França, Inglaterra, Itália, Espanha, Grécia, Irlanda, Portugal, etc.) desencadeiam sucessivas ondas grevistas em defesa de seus direitos pisoteados. Os trabalhadores no Estados Unidos, particularmente os imigrantes, lutam contra as brutais medidas do governo. Operários e camponeses estão lutando contra a exploração na China e na Rússia.

Nos países da Ásia, África e América Latina o povo segue lutando por seus direitos sob a exploração e opressão de regimes pro-imperialistas formados por lacaios de direita e de “esquerda”. No Nepal onde, após dez anos da guerra popular, a direção traindo a revolução e os imensos sacrifícios das massas entrou em acordo com as classes dominantes para suspender a guerra, o povo revolucionário se mobiliza e reclama uma nova direção para levar a



revolução até o fim. Na Índia, Filipinas, Peru e Turquia, onde as massas mais pobres do campo e da cidade, que há décadas vêm travando heroicas guerras populares contra os latifundiários, a grande burguesia e o imperialismo, estão impulsionando a luta com novos combates e ânimo redobrado. Destacadamente na Índia a revolução popular está se espalhando em labaredas naquele país de mais de 1 bilhão de habitantes.

Uma nova situação revolucionária se desenvolve em todo mundo, de forma desigual, porém em todo o mundo.

A crise do imperialismo se agrava: novas guerras de agressão e de rapina

Sobre a crise do imperialismo, crise financeiro-econômica e crise social – quebradeira, desemprego, fome e miséria: OIT 250 milhões de desempregados, outras centenas incalculáveis no trabalho precarizado, 1 bilhão e 200 milhões sobrevivem com menos de 2 dólares ao dia, e política: a guerra imperialista, mantém a ocupação Iraque, Afeganistão, Palestina, Haiti, Costa do Margim e bombardeia Líbia.

A crise do imperialismo é crise profunda sistêmica e não apenas episódica. As medidas de socorro tomadas pelos governos imperialistas (ajuda de alguns trilhões de dólares principalmente a grandes bancos) resultaram ser de pouca ou nenhuma eficácia, pelo menos quanto a uma retomada de crescimento, mais ou menos sólida, a curto e médio prazos. Ao prolongar-se, a crise gera novos fatores que se acumulam em crescente desordem e pode potencializar aguda crise política do imperialismo, como temos visto o agravamento das tensões entre as potências, em variadas esferas de poder e temas. Por si mesma a crise atíça particularmente as massas trabalhadoras afetadas por demissões e cortes de direitos, como também de forma geral às que sofrem impactos indiretos. A crise na Europa (Grécia, Irlanda, Portugal, Espanha e Itália) e a persistência recessiva no Estados Unidos, bem como as rebeliões dos povos árabes no norte da África e Oriente Médio, expressam a profundidade e gravidade da crise do imperialismo.

O Estados Unidos, por sua condição política de superpotência única, hegemonia econômica e militar (detentora do dólar e do maior aparato bélico ofensivo) pode exportar sua crise, transferir sua inflação aos países mais pobres e principalmente impor aos países dominados que sigam financiando seu monstruoso déficit público. Porém para seguir impondo esta situação tem que se valer, cada vez mais, e exclusivamente, de seu poderio militar, dado que economicamente aponta para um certo declínio irreversível. Nem o fluxo dos fabulosos trilhões que financiam suas guerras de agressão (ocupação do Iraque, do Afeganistão, suporte à Israel na ocupação da Palestina, centenas de

bases militares mundo afora, etc.) têm conseguido reanimar sua economia.

Tampouco a tão alardeada situação de conforto da economia chinesa frente à persistente crise mundial corresponde à realidade. Esta, para manter seu ritmo de crescimento que é já declinante em relação a anos passados, dada a retração da demanda no mercado mundial se obriga a manobras políticas que se apresentam bastante críticas para um regime de tipo fascista, ao suscitar a mobilização operária por melhores salários e direitos de greve e de manifestação. Os espaços de manobras se reduzem, ainda que mantenha a desvalorização de sua moeda frente ao dólar que cai, a inflação já pressiona como nunca antes e se prenuncia escassez de produtos básicos como alimentos e outros de primeira necessidade. Ademais da tensão social que a tempos se acumula no país, já se delinea provável desestabilização política provocada por inevitáveis embates em torno da questão da “reforma” política (adotar o sistema de governo demo-liberal do ocidente) para corresponder às já consideradas concluídas “reformas” econômicas capitalistas.

A guerra e sua potencialização como saída do imperialismo para conjurar a crise do capital é guerra imperialista por novas partilhas e repartilhas. É guerra de rapina e saqueio das nações dominadas e guerra contra a reação das massas exploradas e oprimidas ao desemprego, ao corte de direitos e à agressão militar e a toda essa política de guerras. A missão para a qual foi preparado e escalado Obama não mostra qualquer sinal de sucesso, muito ao contrário não só o horizonte, mas todo o céu acumula nuvens negras. Não bastasse a economia estancada que já lhe rendeu amargos resultados nas eleições parlamentares, não avança o acordo de paz no Oriente Médio e no Iraque como no Afeganistão seguem se afundando no incremento da guerra. A guerra empurrada sobre o território do Paquistão a pretexto de combater o Talibã é na verdade uma política mais ou menos desesperada por controlar um país superpopuloso, de maciça maioria islâmica anti-USA, um Estado politicamente minado por seitas islâmicas e que detém a bomba atômica.

Novas partilhas do mundo entre os imperialistas

Tal situação tem conduzido a que cada dia a luta pela repartilha e pelas esferas de influência se torna mais complexa, distanciando-se cada vez mais do cenário da década de 1990, quando a hegemonia do imperialismo ianque se estabeleceu com este na condição de superpotência única. Esse período que os ianques definiram como fim da “Guerra Fria”, da “Nova Ordem”, a então URSS social-imperialista entrara em colapso completo e todo o sistema da geografia política e militar estabelecida pela Conferência de Potsdam desfez-se por inteiro. A URSS deixou formalmente de existir e a “balcanização” da Europa Leste foi levada ao extremo. O imperialismo ianque impôs a OTAN a novas áreas e a Rússia em bancarrota (no início dos anos de 1990 seu PNB caíra à metade do início dos anos de 1980) pouco levou do butim do Leste Europeu. Japão seguia estagnado e China ainda não havia expandido suficientemente suas posições na arena internacional.

Nas condições atuais, mesmo com a ofensiva realizada pelos ianques a partir do 11 de Setembro, é outra a situação da relação de forças ao nível internacional. Rússia recuperou-se economicamente e reafirmou sua condição de potência imperialista (do ponto de vista militar é superpotência nuclear), disputa e amplia as áreas adjacentes às suas fronteiras no Cáucaso e Ásia Menor. União Europeia com crescente hegemonia alemã ainda tem que centrar esforços em sua consolidação e expressa suas contradições com o EUA cada vez mais de forma pública. China domina comercial e economicamente em larga escala todo o sudeste asiático e as vastas zonas do pacífico, respaldada por sua crescente capacidade militar. Penetra de forma acelerada sobre o continente africano e rivaliza seriamente com o EUA e União Europeia por importantes esferas de influência na América Latina. Ademais de vários tratados firmados entre Rússia e China, esta aliança reforça-se como tendência polarizando

um eixo com Irã, Coréia do Norte e Venezuela, países complicadores para a “geopolítica” ianque. Sobre a base da crise geral do imperialismo, essa situação gera uma dinâmica de crescente instabilidade e expressa o questionamento da atual hegemonia e indica início de novas pugnas por ela com o agravamento de tensões regionais e surgimento de novas mais agudas e mais abrangentes.

O imperialismo manobra para manter o mesmo sistema renovando seus lacaios, porém treme de medo das rebeliões em meio à sua formidável crise, prepara mais guerras de rapina como saída para suas disputas e para sua economia em crise de superprodução relativa. Através da ONU e da OTAN as potências imperialistas se dizem estar do lado do povo, mas o que querem como o caso da Líbia demonstra, é principalmente ocupar posição avançada para aplastar as rebeliões populares nos países árabes, aprofundar o domínio imperialista no país e açambarcar seu petróleo, butim por elas disputado.

De qualquer forma a situação de prolongamento e agravamento da crise do imperialismo, por mais que este possa entrar em recuperação num tempo mais ou menos breve, a tendência é para que seu ciclo de crise ocorra em intervalos cada vez mais curtos e com muita instabilidade no sistema de relação de forças mundial. Quanto mais crise mais desordem e mais massas são empurradas para mobilização e luta contra seus efeitos, podendo ganhar proporções gigantescas e contornos políticos importantes. Dependendo da situação de cada país, da experiência de luta de seus povos, do nível de organização das massas, inclusive de se passar à luta além da resistência aos efeitos dessas crises. Isto basta para anunciar brilhantes perspectivas para as massas exploradas e povos oprimidos e para suas lutas de libertação. Toda esta situação se constitui grandioso desafio às vanguardas revolucionárias para vencer o ainda baixo nível de organização e de dispersão de suas forças.

**Viva a rebelião das massas contra a exploração e a opressão!
Viva a revolução mundial!**

Na América Latina e no Brasil se esgotam os gerenciamentos do oportunismo

De modo particular essa situação de prolongamento da crise imperialista vai potenciando novas consequências para os países de nosso continente. Especialmente América do Sul donde década e meia, com mais acento na década que se finda, surgiram cavalgando as massas em seus descontentamentos, os governos aclamados como uma “viragem à esquerda da América Latina”. Esses tormentosos descontentamentos foram provocados, principalmente, pela aplicação desapiadada das políticas do imperialismo, denominadas por ele de “neoliberalismo”. Esses governos de “esquerda” que se instalaram com relativo apoio popular, pela via com que se estabeleceram e por sua composição, não passavam de novos gerenciamentos de turno do imperialismo como logo caracterizou sua prática. Em últimos termos, serviram até agora de instrumentos chaves para o imperialismo aprofundar a condição semicolonial e semifeudal desses países, sejam como escudos contra um avanço revolucionário das massas, sejam para desviar massas já rebeladas do caminho revolucionário que buscavam.

Estes regimes são produto da pugna e divisão das classes dominantes locais ante a crise do capitalismo burocrático. Em geral expressam a reação da fração burocrática da grande burguesia que havia sido deslocada da posição hegemônica no velho Estado com a ofensiva “neoliberal” do imperialismo ianque no continente. São em geral, expressão dessa fração burocrática em sua tentativa de reestruturar o Estado para impulsionar o capitalismo burocrático em crise. Daí o porquê de se utilizar o discurso reformista duma “esquerda” oportunista eleitoreira contra as brutais políticas de desnacionalização, entreguismo, desregulamentação e violação completa do que resta de soberania das nações e dos direitos duramente conquistados pelos trabalhadores ao longo do século XX, que calava profundamente no descontentamento das



Dilma, gerente de plantão, e vassala do imperialismo, principalmente ianque, continua a promover a entrega do Brasil

massas. Assim, essa fração manejou e arrastou a burguesia nacional e amplos setores da pequena burguesia no respaldo das candidaturas que, com afãs e bravatas populistas, arrebanhou votações em massa.

Os desgastes desses gerenciamentos reformistas crescem cada vez mais e é questão de tempo. O fracasso de um reformismo sem reformas, apesar da maciça publicidade triunfalista, começa retumbar ante à instabilidade geral da economia capitalista mundial. Esses governos não podem mais que enganar ainda aquelas massas enroladas nos programas das “políticas compensatórias” receitadas pelo BM e totalmente delas dependentes. Logo o impacto da crise mundial lançará as

frações da burguesia compradora e burocrática na disputa cega pelos recursos orçamentários, vão provocar crises políticas agudas ou poucos recursos sobrarão para enganar e acaudilhar essas massas como tem conseguido até agora. A crise do imperialismo tem levado o EUA a acelerar seus preparativos de guerra na América Latina. Através de um conjunto de ações, tais como a multiplicação de bases, a intervenção direta no Haiti, o “Plano Colômbia” reforçado, a cessão de portos no Peru como base de operação da IV Frota e crescente ingresso de marines nas zonas de guerrilhas, além da pressão invariável exercida por sua diplomacia em ações conspirativas para manter o continente instável e os regulares exercícios e manobras militares conjuntas das forças armadas sul-americanas sob o bastão de mando do “Comando Sul” de suas forças armadas.

Elevar a luta anti-imperialista é necessidade urgente para não dar trégua ao monstro imperialista e para isto é necessário demarcar campo com os governos do oportunismo, desmascarando seus intentos de se fazer passar por nacionalistas e anti-imperialistas na tarefa podre de enganá-las, desmobilizá-las e principalmente desviá-las de qualquer caminho de luta efetivamente revolucionária.

O turno da gerente Dilma será só crise

As explosivas rebeliões operárias nas obras de construção das usinas hidrelétricas de Jirau e Santo Antonio, em Rondônia, da usina de São Domingos, no Mato Grosso do Sul, da termelétrica de Pecém, no Ceará e do complexo petroquímico de Suape, em Pernambuco, desmascaram toda a propaganda de melhoramento de vida do povo brasileiro. Essas rebeliões expuseram os verdadeiros cativos que são as obras do PAC e as condições desumanas de trabalho, abusos patronais e arrocho salarial a que são submetidos os trabalhadores. O uso da Força Nacional de Segurança e da Polícia Federal contra os grevistas mostrou que o gerenciamento PT-Pecedobê-FMI continua a tratar as questões sociais como caso de polícia.

O governo Dilma segue arrochando os salários, as aposentadorias e precarizando as condições de trabalho, incentivando e praticando as lesivas terceirizações e agora quer limitar até as pensões por morte.

A alta dos gêneros de primeira necessidade, o aumento da carestia, o corte de verbas dos serviços públicos de saúde, educação, saneamento, etc, são algumas outras medidas tomadas pelo governo que massacram os pobres no país. À mando do FMI, Dilma faz cortes no orçamento público para destinar mais recursos para os banqueiros e monopólios que se refestelam com a extorsiva “dívida pública”. O aumento da criminalidade é expressão da aguda crise e enorme desigualdade social vigente no país.

Mas além disso, há um outro problema que se interpõe no caminho dos reformistas em seu sonho de servir ao imperialismo e “governar para todos”, é o da questão agrária. Depois das ofensivas da direita e da imprensa burguesa, com o incentivo do governo, contra a luta dos camponeses pela terra, o problema agrário aparentemente parece algo simples e já resolvido. Inclusive em função da situação criada pela ofensiva da reação contra qualquer reforma agrária ao longo do gerenciamento de Luiz Inácio, principalmente nestes últimos 4 anos. Em seu discurso de posse Dilma fez questão de enfatizar todo apoio e incentivos ao “agronegócio” glorificado como a via pela qual

o país chegou à condição de 4ª economia do mundo e respeitabilidade internacional. Declarou então que será esta a via pela qual seguirá potencializando



Rebelião na Usina Jirau, Rondônia, março de 2011

a economia do país como o grande celeiro do mundo. Sequer por demagogia balbuciou algo referente a qualquer reforma agrária. Na realidade as contradições no campo, longe de desaparecerem, sequer diminuíram e só se agudizaram. Inclusive porque o que de certo modo funcionava como válvula de escape, os assentamentos de reforma agrária do velho Estado, cessaram quase a zero. Foram substituídos pelo gerenciamento petista de cooptação do MST e de criminalização da luta pela terra, com perseguições e massacres perpetrados pelas forças de repressão do Estado e as da pistolagem latifundiária, cobertas com ampla difusão dos meios de imprensa como pacificação (as pomposamente difundidas “Operações Paz no Campo”). Ademais de se ter agravado as contradições no campo com os “impulsos” do capitalismo burocrático – incentivos e incrementos à monocultura de exportação –, as massas camponesas que não deixaram de lutar, senão que seguiram e persistirão com muito mais intensidade, dadas às novas situações criadas.

Organizar, organizar a resistência popular!
Avançar, avançar com o protesto popular!
Viva a Revolução Democrática, agrária e anti-imperialista!